

Do Hunsrück o Sínodo Nordeste Gaúcho

From Hunsrück to the Northeast Gaúcho Synod

Daniel Ricardo da Costa¹

Resumo: Em meados do século XIX, várias levas de imigrantes europeus decidiram reiniciar suas vidas no Novo Mundo. Desse contingente, um número relevante de pessoas professava a fé evangélico-luterana e provinha de uma região do estado da Renânia-Palatinado, chamada Hunsrück.² Nesse artigo, analisaremos brevemente os antecedentes que levaram à vinda dessas pessoas ao Brasil, as condições que por aqui encontraram e o modo como foram se distribuindo pela região que hoje compreende o Sínodo Nordeste Gaúcho³ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Palavras-chave: imigração alemã; religiosidade teuto-evangélica; Sínodo Nordeste Gaúcho; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Abstract: In the mid-nineteenth century, several waves of European immigrants decided to restart their lives in the New World. Of this contingent, a significant number of people professed the Evangelical-Lutheran faith and came from a region of the state of Rhineland-Palatinate, called Hunsrück. In this article⁴, we will briefly analyze the antecedents that

Recebido em 26 de abril 2024

Aceito em 18 de junho 2024

¹ Graduado em Teologia, mestre em Teologia (Cristianismo e história na América Latina) e doutorando em Teologia (História e Teologia) pela Faculdades EST, de São Leopoldo - RS. Atualmente, atuando como ministro religioso da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Igrejinha - RS.

² A Cordilheira recebe esse nome porque seu formato lembra as costas (*Rücken*) de um cachorro (*Hund*).

³ Conforme o Art. 15 da Constituição da IECLB, “O Sínodo [...] é formado pelo conjunto de Comunidades e Paróquias de determinada área geográfica” - IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Porto Alegre: IECLB, 2010, n.p. 12 p.

led to the coming of these people to Brazil, the conditions they found here and the way they were distributed throughout the region that today comprises the Northeast Gaucho Synod of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil.

Keywords: German immigration; German-evangelical religiosity; Northeast Gaucho Synod; Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil.

Introdução

Esse artigo se dividirá em duas partes. Na primeira, analisaremos os motivos que levaram à emigração alemã e protestante para o Brasil; em especial, à província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Nesse intuito, buscaremos responder a duas questões básicas: 1. Qual era, em meados do século XIX, a situação socioeconômica da região que, a partir de 1871, passou a se chamar Alemanha? 2. Quais foram os motivos que levaram o governo imperial brasileiro a buscar naquela região a população que ocuparia e transformaria tão significativamente o país, sobretudo, a região Sul?

Na segunda parte do artigo, analisaremos quais foram as dificuldades encontradas pelos imigrantes em solo gaúcho, as limitações impostas pelo Império aos protestantes e a expansão da colonização até a região que hoje engloba o Sínodo Nordeste Gaúcho.

1. Da Alemanha ao Brasil: motivos para a saída das famílias alemães

Quando analisamos as várias levas de imigrantes que deixaram a região que hoje conhecemos como Alemanha e vieram para o nosso país, somos levados a desconfiar que essa evasão foi ocasionada por um ou mais eventos que induziram essas pessoas a buscarem essa mudança.

Para começar, devemos lembrar que, cerca de setenta anos antes do período em que as primeiras levas começaram a rumar para o Brasil, a Europa havia passado pela Revolução Industrial.⁵ Nesse período, marcado principalmente pela invenção da máquina a vapor, reduziu-se drasticamente a necessidade de mão-de-obra, o que levou

⁵ MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. *História da Educação no Brasil*. Fortaleza: IFCE, 2012. p.30.

ao aumento do desemprego. Se, na cidade, a falta de trabalho tornava a situação difícil; no campo, não era diferente. Em 18 de maio de 1803, haviam iniciado as Guerras Napoleônicas, que espalharam horror e destruição pelos povoados da região. Referindo-se a esse fato, Telmo Lauro Müller cita “lavouras destruídas [...], moradias em chamas, mortes, dizimação da juventude masculina e os soldados deixando rastros junto ao público feminino”.⁶ Além disto, se considerarmos especificamente o estado da Renânia-Palatinado, é válido mencionar que “a longa guerra contra a França causou um grande desequilíbrio ecológico em toda a cordilheira do Hunsrück, devastando vastas áreas de mata ao longo do Rio Mosel”.⁷ Já à época, essa destruição da natureza cobrou um alto preço. Conforme Nelso Weingärtner, “todos os anos, enchentes assolavam a região, destruindo tudo às suas margens”⁸; além disso, a “mudança climática fez com que as colheitas diminuíssem ano após ano, deixando a população bastante empobrecida”.⁹ A situação era tão complicada a “ponto de as pessoas mais humildes não conseguirem nem sequer comprar lenha no inverno, levando-as a padecer com o frio extremo e com a fome”.¹⁰

Por outro lado, é importante mencionar que a busca por vida nova em outro continente não foi motivada apenas pelos problemas decorrentes das guerras e da Revolução Industrial; houve, também, o desejo de progredir, prosperar e crescer. Entretanto, no Hunsrück do início do século XIX, essa ambição parece não ter encontrado solo fértil. Para Müller, uma das explicações pode estar relacionada a um costume, à época, bastante difundido: não só no território que hoje chamamos de Alemanha, mas em toda a região de fala alemã, “somente o filho mais velho tinha direito à herança; uma tradição denominada “Erbrecht”.¹¹ Essa prática, unida à realidade de famílias bastante numerosas, pode ter impelido muita gente a buscar o seu espaço além-mar.¹² A esse conjunto de fatores, Müller adiciona a presença de um possível “espírito aventureiro”, que, segundo o autor, estaria presente principalmente entre a juventude.¹³

⁶ MÜLLER, Telmo Lauro. *A propósito dos 180 anos*, 2004, n.p.

⁷ WEINGÄRTNER, Nelso. *Martin Luther e Santa Catarina*. Timbó: Tipotil, 2012, p. 42.

⁸ WEINGÄRTNER, 2012, p. 42.

⁹ WEINGÄRTNER, 2012, p. 42.

¹⁰ WEINGÄRTNER, 2012, p. 42.

¹¹ Em português, essa prática recebe o nome de morgadio - MÜLLER, 2004, n.p.

¹² MÜLLER, 2004, n. p.

¹³ MÜLLER, 2004, n. p.

Em meio a essa realidade, marcada, por um lado, por incertezas e dificuldades e, por outro, pela busca por prosperidade e novas experiências, chega ao estado da Renânia-Palatinado a propaganda imperial – arquitetada, a mando de D. Pedro I, pelo preposto imperial e ajudante de ordens da imperatriz Leopoldina, major Georg Anton von Schäffer, e veiculada pelos seus representantes¹⁴ - prometendo às pessoas que aceitassem partir para o Brasil totais condições de, em pouco tempo, mudar de status: de servo, meeiro, empregado, passariam a ser senhores de sua própria terra.¹⁵ De imediato, chegando à nova pátria, receberiam “50 hectares de terra, vacas, bois e cavalos, auxílio de um franco por pessoa no primeiro ano e de 50 cêntimos no segundo”.¹⁶ Além disso, o rol das benevolências ofertadas pelo estado brasileiro incluía a “isenção de impostos nos primeiros dez anos, a liberação do serviço militar, a nacionalização imediata e a liberdade de culto”.¹⁷ Algumas dessas promessas foram cumpridas e, até mesmo, superadas. Ao invés de 50 hectares, os primeiros assentados receberam 77.¹⁸ Alguns desses compromissos, contudo, nunca foram cumpridos, e isso por um motivo muito simples: eram inconstitucionais. A nacionalização imediata e a liberdade de culto jamais poderiam ser prontamente concedidas, pois contrariavam a Constituição do Império.¹⁹ Além do mais, apenas as primeiras famílias receberam seus lotes com agilidade; as demais, tiveram, “muitas vezes, de esperar meses para ver concederem-lhe um lote”.²⁰

1.1 Por que o império decidiu trazer os imigrantes alemães?

Como se pode imaginar, a propaganda para que viessem especificamente imigrantes germânicos ocorreu por algum motivo. A

¹⁴ VIANNA, Hélio. *História do Brasil: Império e República*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966, p. 111.

¹⁵ DREHER, Martin. Protestantismo de imigração no Brasil. In: DREHER, Martin (org.). *Imigrações e história da igreja no Brasil*. Aparecida, SP: Santuário, CEHILA, p. 109-131, 1993, p. 111.

¹⁶ 192 ANOS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ. Lajeado: A Hora, 06 - 07 ago, p. 01-48, 2016. p. 14. Disponível em: https://issuu.com/jornalahoraldai/docs/01_imigra_o_alem . Acesso em: 26. abr. 2024.

¹⁷ 192 ANOS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ, 2016, p. 14.

¹⁸ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 95.

¹⁹ 192 ANOS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ, 2016, p. 14.

²⁰ ROCHE, 1969, p. 95.

título de contextualização, é válido mencionar que o Brasil era um país recém-emancipado. Durante o período Colonial (1530 a 1822), a nação brasileira somente recebeu alguma estrutura²¹ após a invasão das tropas napoleônicas a Portugal, situação que culminou com a fuga da Família Real para o Brasil, em 1807.²² Com a independência, declarada a 7 de setembro de 1822, D. Pedro I viu a necessidade de resolver uma série de problemas com os quais teria de lidar. Havia, primeiramente, a ameaça às fronteiras. O sul era alvo constante de disputas “com a coroa Espanhola e os estados do Prata”²³, de modo que algo precisava ser feito para ajudar a defender essas divisas.²⁴ Outra dificuldade era a existência de um enorme abismo econômico entre a população. Havia, basicamente, os muito ricos e os escravos; faltava, portanto, uma “classe média, que pudesse fazer a economia girar”.²⁵ Outra face dessa situação envolvia a grande predominância de latifúndios, que tinham a sua produção baseada na monocultura.²⁶ Não demorou para que os dirigentes do Império percebessem a necessidade de diversificar a produção; prática para a qual as pequenas propriedades – voltadas à policultura²⁷ – eram mais adequadas.²⁸ Para agravar a situação, não havia muitas estradas ligando essas regiões de terra devoluta.²⁹ Na visão do governo, a partir do momento em que essas picadas recebessem famílias de pequenos

²¹ Como a principal colônia portuguesa passara a ser sede do império, para receber minimamente bem a corte, eram necessárias algumas melhorias, dentre as quais o fomento do ensino, a criação da Imprensa, a instalação das academias Militar e da Marinha e outras mais – CARDOSO, Tereza Fachada L. *As Aulas Régias no Brasil*. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria H. C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, v. I, p. 179-191.

²² MELO, 2012, p. 17.

²³ MULLER, 2004, n. p.

²⁴ MULLER, 2004, n. p.

²⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes na Diáspora; a imigração européia e norte-americana e as igrejas evangélicas no Estado de São Paulo*. In: DREHER, Martin N. *Imigrações e História da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, p. 132-157, 1993, p. 133.

²⁶ PETRONE, Maria Theresa Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade: 1824-1930*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 28.

²⁷ Prática por meio da qual se cultivam diversas plantas e animais, geralmente, em propriedades menores.

²⁸ PETRONE, 1982, p. 28.

²⁹ O conceito de Terra Devoluta denota uma terra de ninguém, sem dono - VIEIRA FILHO, Dalmo; WEISSHEIMER, Maria Regina. *Roteiros Nacionais de Imigração Santa Catarina: histórico, análise e mapeamento das regiões*. Florianópolis: IPHAN, 2018, p. 33.

agricultores, essas pessoas instintivamente buscariam criar formas de ligar uma vila às outras, suprimindo, lentamente, essa carência.³⁰

Além dos problemas até aqui mencionados, merece destaque uma situação que provocativamente optamos por chamar de “ameaça negra”. Segundo Dreher, em 22 de janeiro de 1808, quando desembarcou no Brasil, D. João VI se deparou com um fato que lhe pareceu preocupante: a população da colônia que adotaria como casa era majoritariamente formada por pessoas negras e indígenas.³¹ Fato que adquire relevância quando lembramos que três anos antes (01/01/1804), os negros derrotaram os franceses e declararam a independência do Haiti³², ou seja, a eugenia da população local pode ter despertado na “classe dirigente brasileira a ideologia racista do branqueamento da raça”³³; conclusão que nos é possível corroborar a partir da existência de várias “leis abolicionistas [...] formuladas para impedir a entrada de escravos, diminuindo, assim, a possibilidade de uma supremacia negra no país”.³⁴ Nessa perspectiva, a vinda de colonos brancos para ocupar vagas de trabalho escravo, além de atender às pressões da Inglaterra³⁵, indica uma atitude racista.³⁶

E, assim, chegamos à questão-chave: se era necessário clarear a raça, como fazê-lo? Onde buscar o povo para concretizar a proposta do caldeamento racial?³⁷ Vários foram os motivos que levaram o império a colocar em perspectiva a imigração de alemães³⁸ em

³⁰ DREHER, 1993, p. 114.

³¹ DREHER, 1993, p. 113.

³² DREHER, 1993, p. 113.

³³ DREHER, 1993, p. 113.

³⁴ DREHER, 1993, p. 113.

³⁵ “Neste novo modelo econômico era mais interessante e lucrativo manter os africanos na África, incentivando uma produção de matérias primas baratas. Além disso, o fim da escravidão fazia desses homens e mulheres um mercado consumidor de produtos industrializados em potencial” - ANRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. *Abolição da escravidão pela Inglaterra*. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/abolicao-da-escravidao-pela-inglaterra>. Acesso em: 26. abr. 2024.

³⁶ OLIVEIRA, Ryan de Sousa. *Colonização alemã e poder: A cidadania brasileira em construção e discussão (Rio Grande do Sul, 1863-1889)*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, Brasília, 2008, p. 37.

³⁷ OLIVEIRA, 2008, p. 37.

³⁸ Reforçamos que a Alemanha, como a nação que hoje conhecemos, só passou a existir a partir de 1871. A realidade da época era a Prússia.

detrimento de pessoas oriundas de outras nações europeias.³⁹ Primeiramente, D. Pedro I iria se casar com Leopoldina, da Prússia; por que, então, não trazer alemães? Além disso, havia a compreensão de que os imigrantes protestantes, advindos de países anglófonos, eram portadores de um caráter civilizacional, não presente nos latinos, majoritariamente católicos.⁴⁰ Como o povo alemão, além de ser considerado trabalhador e ordeiro, obediente às leis⁴¹, possuía as características apreciadas no Brasil, mostrava-se ideal para essa empreitada.

Além disso, D. João VI admirava o exército prussiano.⁴² Como havia a necessidade de defender as fronteiras e, eventualmente, combater algum levante popular, contar com esse contingente militar se mostrava oportuno. A tarefa, então, foi delegada ao enviado imperial, von Schaeffer.⁴³ Como o Congresso de Viena impedia os soldados de emigramem da Europa como mercenários, muitos vieram na condição de colonos.⁴⁴ Assim que chegaram ao Brasil, entretanto, logo se alistaram ao regimento *Brummer*.⁴⁵

2. De São Leopoldo às Picadas: das dificuldades na nova terra ao nascimento de um sínodo

Embora a primeira metade do século XIX seja oficialmente aceita como o período em que chegaram os primeiros colonos alemães ao Brasil, a verdade é que esse dado se refere a levadas mais numerosas. Há indícios de que os primeiros imigrantes germânicos chegaram ao

³⁹ Os espanhóis viviam disputando a América do Sul com os portugueses, os holandeses já haviam estado no país e não havia dado certo, os franceses e ingleses estavam em guerra, e assim por diante.

⁴⁰ WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 34, p. 105-125, 2008, p. 114-115.

⁴¹ OLIVEIRA, 2008, p. 37.

⁴² MULLER, 2004, n.p.

⁴³ LEMOS, Juvencio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador: A primeira corrente imigratória alemã no Brasil*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993, p. 42.

⁴⁴ DREHER, Martin N. *Histórias de vida e fé: luteranos e luteranas no nordeste do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2012. Estância Velha, RS: Sínodo Nordeste Gaúcho - IECLB, 2012, p. 21.

⁴⁵ SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. 2010. *Dimensões*, v.25, p. 239.

nosso território no século XVI.⁴⁶ Fluck posiciona o desembarque dessas pessoas no século XVIII, no final do período colonial.⁴⁷ De fato, essas chegadas esporádicas continuaram acontecendo e ainda puderam ser constatadas no início do século XIX, quando, em 1808, “comerciantes, mercenários e diplomatas alemães começaram a se estabelecer no Rio de Janeiro para fazer negócios após a abertura dos portos”.⁴⁸ Outros registros de alemães no Brasil antes de 1824 também são encontrados em Leopoldina/BA (1818)⁴⁹ e “em Almada (junto a Ilhéus) e Franckenthal (junto ao rio Caravelas), na Bahia” (1822).⁵⁰

Conforme mencionado, o casamento de D. Pedro I e Leopoldina – realizado a 13 de maio de 1817, por procuração⁵¹ – levou a formulação de uma política oficial de imigração de alemães para Brasil, de modo que, já naquele ano, um contingente de “40 famílias de alemães contratado pelo médico alemão Georg Heinrich von Langsdorff inicia sua atividade na ‘Fazenda da Mandioca’, em Petrópolis/RJ”.⁵² Mesmo assim, ainda estamos falando de eventos isolados. A imigração atingiu seu ápice em 1824. Em 03 de maio daquele ano, “chega o primeiro grupo de 324 alemães a Nova Friburgo/RJ”.⁵³ Pouco mais de um mês depois, (14/07), o Pastor Sauerbronn, “celebra o primeiro culto luterano no Brasil, em Nova Friburgo/RJ”⁵⁴, tratando-se, na verdade, do sepultamento do próprio

⁴⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. IECLB. Igreja de Jesus Cristo: Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo (Mateus 5. 13-14): *Cadernos de estudos*: Tema do ano 2023. Porto Alegre, RS: IECLB, 2023, p. 24.

⁴⁷ FLUCK, Marlon Ronald. Os primeiros imigrantes. *Jornal Evangélico Luterano*, São Leopoldo, março de 2010, p. 13.

⁴⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁴⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁵⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁵¹ MENCK, José Theodoro Mascarenhas. *D. Leopoldina, Imperatriz e Maria do Brasil: obra comemorativa dos 200 anos da vinda de D. Leopoldina para o Brasil*. Brasília: Edições Câmara, 2017., p. 36.

⁵² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁵³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁵⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

filho.⁵⁵ Dois meses depois, a 25 de julho, um grupo formado por 39 imigrantes (33 luteranos e 06 católicos) chega à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se na Real Feitoria do Linho Cânhamo.⁵⁶ Em dezembro daquele ano, o P. Ehlers já celebrou um culto de Natal na colônia de São Leopoldo, do qual participaram imigrantes provenientes da “Dinamarca, do Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin, de Hamburgo e de aldeias do Palatinado”.⁵⁷

2.1 Dificuldades na nova terra

Embora estejamos nos referindo aos primórdios daquilo que veio a ser a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, é válido mencionar que, além de católicos, o contingente de imigrantes alemães era constituído tanto de luteranos (maioria) como de reformados (minoría). Desse modo, inicialmente os acatólicos⁵⁸ optaram por se identificar como “evangélicos”.⁵⁹ Essa pluralidade é possível detectar pelo uso dos catecismos de Heidelberg (reformado) e Menor (luterano) e por controvérsias ocorridas em relação à ornamentação dos espaços litúrgicos, que era defendida por luteranos e rejeitada como idolatria por reformados.⁶⁰ Por fim, a maioria acabou prevalecendo e todos assumiram a fé evangélico-luterana.⁶¹

Mesmo assim, o maior problema que os evangélicos enfrentaram em relação à sua religiosidade passou muito longe da pluralidade confessional que os constituía. O Art. 5º da Constituição imperial de 1824 versava que a “Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão

⁵⁵ OLIVEIRA, Ronald Lopes; TEIXEIRA, Mateus Barradas. A morte e o morrer na comunidade luterana em Nova Friburgo no século XIX: conflito e alteridade. In: *Anais do XVI Congresso Regional de História da Anpuh-Rio*, 2014. n.d. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400552412_ARQUIVO_AmorteeomorrernacomunidadeluteranaemNovaFriburgono-seculoXIX-Confliotoalteriade.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.

⁵⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁵⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2023, p. 24.

⁵⁸ Negação da identidade. Termo utilizado para definir aqueles que não seguiam a religião oficial do Império.

⁵⁹ DREHER, 1993, p. 122.

⁶⁰ DREHER, 1993, p. 122.

⁶¹ DREHER, 1993, p. 121.

permitidas com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. Ou seja, por lei, apenas a Igreja Católica (religião oficial do Império) tinha o direito de possuir templos com torre e sinos.⁶² Caso algum grupo religioso desafiasse a lei vigente, seria penalizado, uma vez que o Art. 276 do *Código Criminal do Império do Brasil* definia que se constituía crime “celebrar em casa ou edifício que tenha fôrma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar”⁶³; de modo que indivíduos que ousassem fazê-lo seriam “dispersos pelo juiz de paz”⁶⁴, ocorrendo, ainda, a “demolição da fôrma exterior”⁶⁵ e a aplicação de “uma multa de até 12\$000”.⁶⁶

As dificuldades não pararam por aí. Em caso de sepultamento, ou “os padres ‘desbenziam’ um pedaço do cemitério para que os acatólicos fossem sepultados ou estes tinham de construir os seus próprios cemitérios”.⁶⁷ Além disto, “desconhecia-se, no Brasil, o matrimônio civil, e como o catolicismo era a religião oficial do Estado, somente os matrimônios contraídos na presença de padres tinham validade legal”⁶⁸, de modo que “a única maneira de ter matrimônio válido era realizá-lo na presença de um sacerdote católico”.⁶⁹ Negando-se a fazê-lo, a pessoa passava a “viver em concubinato, com filhos considerados ilegítimos e, portanto, inaptos a herdar os bens”.⁷⁰ Não fosse o bastante, também politicamente os protestantes precisavam conviver com as limitações que lhes eram impostas. Conforme o Art. 95 da Constituição, para ocupar um assento na

⁶² WOORTMANN, Ellen F. *Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 205-138, nov. 2000, p. 222.

⁶³ TINÔCO, Antonio Luiz Ferreira. *Código Criminal do Império do Brasil anotado*. Facsim. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, n.p.

⁶⁴ TINÔCO, 2003, n. p.

⁶⁵ TINÔCO, 2003, n. p.

⁶⁶ TINÔCO, 2003, n. p.

⁶⁷ COSTA, Daniel Ricardo da. *Influências da reforma protestante na educação do Rio Grande do Sul no período do Brasil Império (1822-1889)*. São Leopoldo, RS, 2022. 158 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2022, p. 61. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1130/1/costa_drd_tm415.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.

⁶⁸ RÖLKE, Helmar R. *Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo*. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016, p. 140.

⁶⁹ DREHER, Martin Norbert. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo, Oikos, 2014, p. 207.

⁷⁰ COSTA, 2022, p. 61.

Câmara dos Deputados, os representantes deveriam “ser católicos e brasileiros natos”⁷¹, redação que “excluía tanto os imigrantes naturalizados quanto os de religião protestante”.⁷²

Curiosamente, a restrição quanto à aparência dos espaços litúrgicos parece ter trazido uma consequência positiva: “como não podiam construir templos com torre e sinos, estas famílias se organizaram em torno da construção de pequenas escolas; prédios multifuncionais, que, aos finais de semana, eram utilizadas para abrigar as celebrações religiosas.”⁷³ Embora o objetivo principal dessas escolinhas fosse o aprendizado do catecismo, isso não as impediu de fazerem das áreas protestantes aquelas “com os mais baixos índices de analfabetismo no Brasil”.⁷⁴ Nesse período, quando havia entre os imigrantes alguém com formação pedagógica, mas não um pastor, o mestre-escola assumia a função pastoral. Já nos casos em que havia um pastor, mas não um professor, o sacerdote normalmente assumia a função educacional.⁷⁵ Quando, porém, nenhum dos dois figurava entre os habitantes da picada, os colonos “indicavam de seu próprio meio um agricultor que assumia concomitantemente a função de pastor e de mestre-escola”⁷⁶, na base do “*Spiel du den Pfarrer*”.⁷⁷ Além de celebrar cultos na escola-capela, os professores em funções pastorais também faziam o papel de pastor itinerante, presidindo cultos, cantando em festas e, quando necessário, realizando sepultamentos.⁷⁸

Quando os pastores ordenados (alguns presentes no início da imigração, mas a maioria enviada posteriormente por sociedades

⁷¹ NOGUEIRA, Octaciano. 1824, 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012, p. 75. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/137569>. Acesso em: 20. mai. 2023.

⁷² PESAVENTO, Sandra J. O Imigrante na Política Rio-grandense. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). RS: *Imigração e colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 160.

⁷³ COSTA, 2022, p. 118.

⁷⁴ WACHHOLZ, 2009, p. 121.

⁷⁵ Situação como a que envolveu o Pastor Friedrich Christian Klingelhoefter, em Campo Bom - SOUZA, José Edimar. Um personagem da memória campo-bonense? O emblemático Pastor Klingelhoefter, soldado farroupilha. In: *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.3, n.2, p. 31-44, ago. 2011, p. 39.

⁷⁶ DREHER, 1993, p. 120.

⁷⁷ Assume você a tarefa de pastor - DREHER, Martin. N. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 216.

⁷⁸ A HORA, 2016, p. 22.

missionárias) tiveram contato com esses ministros sem formação ou ordenação, logo trataram de desqualificá-los, chamando-os de pseudopastores, pastores-colonos ou *Schnapspfarrer* (pastor cachaceiro)⁷⁹. Segundo Rotermund, como “muitos [...] se devotassem à bebida, deu-se-lhes a designação de ‘*Schnapspfarrer*’”.⁸⁰ Outra explicação passa pela pessoa do pastor Carl Leopold Voges, que atuou em Três Forquilhas (RS) e lá mantinha uma casa comercial, onde, antes e após as celebrações, dentre outros produtos, vendia água ardente aos próprios membros.⁸¹ Em 1865, Borchard descreveu alguns desses pastores não-ordenados. Segundo ele,

Um é mestre-escola expulso da Alemanha, mal-afamado por ser beerrão e jogador; o outro, um suboficial, fugido da Prússia, que ninguém consegue acompanhar na bebida; o terceiro, um cervejeiro de Porto Alegre que, lá, foi à falência, por diversas vezes, e, como não conseguisse outro meio de sustento, tornou-se pastor; o quarto, um sujeito muito mal-afamado que não sabe ler nem escrever; um outro, que não era dos piores, foi laçao de um conde; um outro, ajudante de um agrimensor; e novamente outro, alfaiate de profissão. Desses pastores há, talvez, doze a quatorze em nossa Província.⁸²

⁷⁹ DIEHL, Fernando. *Pastorear o rebanho na colônia: articulações de pastores luteranos alemães no processo de formação da etnicidade teuto-brasileira no sul do Brasil*. 2021. Tese (doutorado) – Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983, p. 150. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/pastorear-o-rebanho-na-colonia-articulacoes-de-pastores-luteranos-alemaes-no-processo-de-formacao-da-etnicidade-teuto-brasileira-no-sul-do-brasil>. Acesso em: 10. abr. 2024.

⁸⁰ ROTERMUND, Wilhelm. *Os dois vizinhos e outros textos*. Porto Alegre, Edições EST, 1997, p. 251.

⁸¹ WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul - século XIX)*. 2008. 428 f. Tese (doutorado) – Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, p. 81. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2546/1/397526.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2024.

⁸² ROTERMUND, 1997, p. 249-250.

A partir das informações trazidas por Borchard, alguns desses pregadores nos parecem possíveis de identificar e vincular à região que hoje abrange o Sínodo Nordeste Gaúcho. O primeiro é Cristoph Schäfer. Nascido a 31 de março de 1829, em Mengerschied, desembarcou no Brasil em 1854. Costureiro de profissão, em pouco tempo assumiu as funções de pastor e mestre-escola na Igreja Gabriel, em Igrejinha, realizando um sonho que alimentava desde a infância e que não tivera a oportunidade de concretizar em seu país de origem.⁸³ Foi sepultado em 2 de fevereiro de 1898 num cemitério particular, onde hoje se encontra a cidade de Três Coroas.⁸⁴ Sua identidade pode ser distinguida na lista de Borchard em função de sua profissão: alfaiate.⁸⁵

O segundo personagem é Friedrich Wilhelm Fürchtegott Boeber, nascido a 01 de abril de 1825, na Saxônia.⁸⁶ Se Schäfer foi pároco da Igreja Gabriel, em Igrejinha, foi Boeber que oficiou a inauguração e a dedicação do templo, em 1862. Conforme documentos da época, esteve fortemente envolvido no combate ao movimento Mucker, em Sapiranga.⁸⁷ Faleceu em 25 de março de 1874, na Picada Hartz.⁸⁸ Embora se trate de um argumento frágil, é possível que Boeber seja o indivíduo que “não sabe ler nem escrever” citado por Borchard. A desconfiança brota porque, por ocasião da controvérsia envolvendo os Mucker, chegou às mãos de Lúcio Schreiner, delegado de São Leopoldo, “um abaixo-assinado de moradores do 4.º distrito do município”⁸⁹, que estava “redigido em

⁸³ ENGELMANN, Erni Guilherme. *A Saga dos Alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*. Igrejinha: Edição do autor, 2004. v.1, p. 325.

⁸⁴ GENEALOGIACAPEF. Família Schäfer. Disponível em: <https://genealogiacapef.com.br/familias-fundadoras/familia-schafer>. Acesso em: 22. 04. 2024.

⁸⁵ A HORA, 2016, p. 06.

⁸⁶ DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 126.

⁸⁷ Conforme o Livro de Registro I da Comunidade Evangélica de Sapiranga, entre os anos 1858 a 1886, passaram pela comunidade de Sapiranga os seguintes pastores: Johann Georg Klein, Johann Peter Christian Haesbaert, Friedrich Wilhelm Fürchtegott Boeber, Johann Friedrich Brutschin, Johann Caspar Schmierer. Destes, Haesbaert e Boeber, mesmo tendo responsabilidades em sua paróquia, deslocavam-se até a cidade de Igrejinha e a atendiam esporadicamente.

⁸⁸ DOMINGUES, 1977, p. 126.

⁸⁹ ZANON, Maria de Lurdes. *O movimento Mucker à luz do cristianismo primitivo na interpretação de Rinaldo Fabris e José Comblin*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 62. Disponível em:

mau português e como primeira assinatura constava o nome do Pastor Frederico Guilherme Boeber”.⁹⁰ Reconhecemos que a redação precária de um documento é um indício frágil, mesmo porque a correspondência se encontrava em português e a maioria dos subscritores era alemão nato ou descendente direto. Mesmo assim, trata-se de um sinal que pode fazer de Boeber a pessoa a quem Borchard se refere. Outro candidato, mais promissor que o primeiro, a ser o pastor analfabeto pode ser o já mencionado Carl Leopold Voges. Segundo o pastor Johann Georg Ehlers, tratava-se de alguém que “nunca se habilitou por um exame e ainda menos pelos estudos preparatórios da Theologia... nem ler nem escrever sabe”.⁹¹ Voges, entretanto, não atuou na região do Paranhana, mas em Três Forquilhas.

3. O nascimento de um sínodo

Como mencionamos no título deste artigo, o nosso objetivo é contar brevemente a história da colonização alemã – e, conseqüentemente, do estabelecimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil⁹² – na área que hoje abrange o Sínodo Nordeste Gaúcho. Sínodos, reiteramos, são as regiões eclesiásticas por meio das quais essa igreja divide suas paróquias e comunidades. Mesmo que não seja o nosso foco, em alguns momentos, sentimos a necessidade de mencionar fatos ocorridos em cidades como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Sapiranga, Campo Bom e Três Forquilhas, localizadas na área que hoje abrange o Sínodo Rio dos Sinos, uma vez que foi dali que, num segundo e terceiro momento da colonização, partiram famílias *de hunsrückers* que ocuparam a área que hoje compõe diversos outros sínodos, dentre eles, o sínodo-alvo desta pesquisa. Assim sendo, para analisar a formação das paróquias que hoje compõem o Sínodo Nordeste Gaúcho, temos de levar em consideração algumas situações que contribuiriam sensivelmente para

<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5872/1/447943.pdf>. Acesso em: 22. mai. 2023.

⁹⁰ ZANON, 2013, p. 62.

⁹¹ WITT, 2008, p. 61.

⁹² No caso da IECLB, a imigração e a colonização alemã, em vários aspectos, caminharam juntas, pois as famílias replicaram a experiência religiosa que trouxeram da Europa. Na maioria dos casos, uma vez instaladas nas colônias, essas pessoas trataram de construir a sua capela-escola, onde, durante a semana, as crianças eram alfabetizadas e, aos finais de semana, celebrava-se o culto da comunidade de fé. Assim, a colonização da região e a implantação da Igreja estão intimamente ligados.

que a mesma ocorresse. A primeira delas envolve uma expansão a partir da colônia-mãe de São Leopoldo em direção a outras regiões da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Conforme Dreher, partindo de São Leopoldo, “ocorreria o povoamento dos vales dos rios dos Sinos e Caí e seus afluentes”.⁹³ O motivo para esse movimento nos parece claro: uma vez preenchidos os espaços geográficos disponíveis próximos ao Rio dos Sinos, buscaram-se novas terras; áreas que pudessem ser colonizadas e onde se pudesse progredir. É nesse contexto que surgem as linhas ou picadas, que eram incursões realizadas em meio à mata fechada, ao longo das quais iam surgindo pequenas propriedades rurais. O termo teria surgido em função do método utilizado para adentrar a mata subtropical: “abrindo com os meios disponíveis (facões e machados) trilhas ao longo das quais, a uma distância aproximada de 300 metros, eram assentadas famílias”.⁹⁴ Ainda conforme Dreher, normalmente “a picada acompanha o relevo e os acidentes do terreno, os veios de água”⁹⁵, de modo que ela podia ser “de 14 colônias, quatro colônias ou estender-se por mais colônias”.⁹⁶ Uma prática tão exitosa que foi utilizada primeiramente pelo governo imperial; num segundo momento, pelo provincial; e, ainda depois, por particulares.⁹⁷

E, assim, passamos a outra questão relevante: os tipos de colônias, sua criação e suas particularidades. Como já mencionado anteriormente, a primeira das colônias gaúchas compreende a região onde hoje se situa a cidade de São Leopoldo. A mesma foi criada e organizada pelo Império a partir do ano de 1824, classificando-se, portanto, como uma “colônia imperial”. De acordo com Dreher, cada família ali instalada recebeu aproximadamente “70 ha, acompanhada de instrumentos agrícolas, sementes e dinheiro”⁹⁸; gratuidades que, em 1830, já foram eliminadas por decisão do Parlamento.⁹⁹

Entre os anos de 1835 e 1845 (Revolução Farroupilha), a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul se emancipou do Império, passando a se denominar República Rio-grandense. Em 1846, encerrada a revolta e reintegrado o território ao império, foi instalada a colônia de Feliz. Visando à sua ocupação, novos imigrantes e descendentes daqueles que há duas décadas haviam se estabelecido

⁹³ DREHER, 2012, p. 21.

⁹⁴ DREHER, 2012, p. 26.

⁹⁵ DREHER, 2012, p. 26.

⁹⁶ DREHER, 2012, p. 26.

⁹⁷ DREHER, 2012, p. 28.

⁹⁸ DREHER, 2012, p. 28.

⁹⁹ DREHER, 2012, p. 28.

em São Leopoldo¹⁰⁰ foram lá alocados. Concluída sua instalação, o governo imperial deixou de se envolver com a temática da colonização até o desabrochar da década de 1870.¹⁰¹

Entra, assim, em cena o governo provincial. Havendo o Parlamento (majoritariamente ocupado por latifundiários) suprimido do governo imperial os recursos necessários à instalação de novas colônias, a aprovação da Lei Nº 514, de 28 de fevereiro de 1848¹⁰² passou essa atribuição às províncias.¹⁰³ Com a nova regra, terras foram confiadas aos governos provinciais, que ficaram responsáveis por repassá-las aos colonizadores “por um valor mínimo”.¹⁰⁴ Nessa mesma linha, “a Lei de Terras de 1850 estabeleceu que doravante só haveria acesso à terra por escritura de compra e venda”.¹⁰⁵ Além disso, os critérios geopolíticos antes adotados pelo império foram substituídos por outros, sobretudo o de produtividade.¹⁰⁶ Como consequência dessa nova política, foi instalada, em 1849, a colônia de Santa Cruz do Sul¹⁰⁷, que, embora não tivesse contato com São Leopoldo (antigo critério de colonização), estava situada próximo ao Rio Jacuí.¹⁰⁸ Alguns anos mais tarde, em 1859, foi instalada a colônia de Nova Petrópolis. Ocupada por imigrantes oriundos da Pomerânia e da Saxônia¹⁰⁹, a mesma foi constituída por “20 picadas e 706 lotes”.¹¹⁰

Nessas colônias provinciais, em pouco tempo, começou a surgir aquilo a que Dreher denominou de “excedentes populacionais”.¹¹¹ Segundo ele, como as famílias costumavam ser numerosas, dificuldades ocasionadas pela superpopulação das colônias começaram a surgir. Desse modo, assim como seus antepassados, muitos desses “indivíduos excedentes” sentiram-se impelidos a

¹⁰⁰ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰¹ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰² DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰³ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰⁴ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰⁵ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰⁶ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰⁷ Em termos geográficos, hoje essa região eclesiástica engloba outro sínodo da IECLB, o Centro-Campanha Sul.

¹⁰⁸ DREHER, 2012, p. 29.

¹⁰⁹ Já essa colônia, embora esteja geograficamente situada na área que hoje abrange o Sínodo Nordeste Gaúcho, não foi colonizada por imigrantes oriundos do Hunsrück, mas da Saxônia e Pomerânia.

¹¹⁰ DREHER, 2012, p. 29.

¹¹¹ DREHER, 2012, p. 30.

buscar o seu próprio espaço em outro lugar.¹¹² Conforme Roche, se perguntarmos às famílias de origem germânica se elas continuavam residindo na localidade para onde, décadas (ou, por vezes, há mais de um século) seus descendentes vieram, perceberemos que normalmente essa não é a realidade. Isso se dá em função das migrações internas. Segundo o historiador francês, ocorreram, basicamente, dois tipos de migração: as pequenas, num raio máximo de 100 km, buscando manter a coesão familiar e, quando em função da ocupação cada vez maior das terras essas não se mostravam mais possíveis, as grandes, que envolviam distâncias mais significativas.¹¹³ Ainda segundo Roche, essas mudanças se deram a partir de determinados “mecanismos de migração”. O primeiro desses seria a hereditariedade. Na maioria dos casos, os filhos iam herdando a profissão de seus pais (agricultura) e, assim, permaneciam no campo. Como estamos falando de propriedades pequenas, a expansão demográfica praticamente forçava as gerações mais jovens a buscarem novos espaços. O segundo mecanismo se caracteriza pelo período de movimento. Em geral, cada filho (com exceção do mais moço, que permanecia em casa, cuidando dos pais e, por fim, herdava a colônia) migrava uma vez na vida. O terceiro mecanismo citado por Roche são as diferentes condições. Nesse caso, duas situações podem ser mencionadas: em alguns casos (como na colônia de São Leopoldo) o desenvolvimento local naturalmente levava à expansão e, conseqüentemente, à necessidade de buscar novos espaços; uma segunda situação se refere às colônias velhas, cujos solos se esgotaram, levando ao declínio da colônia e à busca por opções mais promissoras, com solos mais férteis.¹¹⁴

Como podemos imaginar, essa demanda representou aos latifundiários e especuladores uma excelente oportunidade de negócio.¹¹⁵ Surge, assim, a terceira modalidade de colonização: as Colônias Privadas.¹¹⁶ De acordo com Dreher,

ao leste e a oeste de São Leopoldo e de Feliz havia grandes extensões de terra nas mãos de particulares. Estas haviam sido adquiridas com fins especulativos, pois a terra estava ficando escassa e

¹¹² DREHER, 2012, p. 30.

¹¹³ ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, v.01, p. 377.

¹¹⁴ ROCHE, 1969, p. 377.

¹¹⁵ DREHER, 2012, p. 30.

¹¹⁶ DREHER, 2012, p. 30.

cara, ou haviam sido concedidas a particulares para que promovessem a colonização.¹¹⁷

Como a procura começava a aumentar, esses especuladores começam a medir e a vender suas terras a pessoas interessadas. Entretanto, ao contrário do que ocorrera nas colônias organizadas pelos governos imperial e provincial, as colônias particulares não possuíam uma administração central.¹¹⁸ Surge, assim, em 1847, a leste de São Leopoldo, uma colônia fundada por Tristão José Monteiro às margens de um afluente do Rio dos Sinos, denominado “Santa Maria”, cujo nome escolhido fora Mundo Novo.¹¹⁹ Dessa colônia, surge a região localizada junto à encosta da serra que hoje engloba o Núcleo Taquara.¹²⁰ À oeste, alguns anos antes, em 1840, Wilhelm Winter já havia dado início à colonização de Porto das Laranjeiras, hoje município de Montenegro, onde, à época, foram ocupadas 100 colônias. A região próxima ao Rio Maratá (afluente do Rio Caí) passou a ser colonizada quando o ferreiro Andreas Kochenborger adquiriu de “herdeiros da família Moraes Terras na Fazenda do Maratá, uma légua de frente por meia de fundo do lado esquerdo do Arroio Maratá, em 20 de janeiro de 1.855”.¹²¹ Uma vez adquirida a propriedade, sua colonização começou em 1856. Outro fato relevante partiu da empresa Schilling e Cia, de Dois Irmãos, que instalou a colônia de Teutônia, no Vale do Taquari.¹²² A partir dessa iniciativa,

[...] estabeleceu-se elo de ligação entre as colônias dos vales do Sinos e do Caí com a colônia de Santa Cruz, pois a oeste de São Leopoldo, no vale do Caí, haviam surgido, entrementes, Poços das Antas (1875), Rússia (1870), Canoas (1892) e Campestre (1885). Com isso se estabelecia, também, ligação,

¹¹⁷ DREHER, 2012, p. 29.

¹¹⁸ DREHER, 2012, p. 30.

¹¹⁹ DREHER, 2012, p. 30.

¹²⁰ A IECLB é dividida em 18 sínodos, que se organizam em núcleos ou uniões paroquiais.

¹²¹ KRÜG, Lauri Valdemar. Colônia Maratá. In: *Colônias de Imigrantes – RS/SC*, 04 de setembro de 2020.

¹²² Já essa colônia se encontrava na área de abrangência do atual Sínodo Vale do Taquari.

via Nossa Senhora da Soledade, com a Linha Brochier, também designada de França e depois Pinheiro Machado, e Maratá com Feliz, o vale do Caí e São Leopoldo.¹²³

Toda essa teia de vias fluviais se dirigia ao rio Jacuí, para o qual também “convergem os rios mencionados e que desemboca em Porto Alegre”.¹²⁴ Cabe, ainda, uma menção ao comerciante Carlos Blauth, de Campo do Meio (Montenegro), que adquiriu uma área de terra em uma localidade chamada Nova Sardenha (hoje, município de Farroupilha), ocupando-se, a partir de então, com a exploração e corte de madeira (pinho). Além dos católicos (maioria numa região de colonização italiana), “a família Blauth atraiu migrantes luteranos, base para a comunidade luterana que aí surgiria”.¹²⁵ Após todos esses anos, hoje o Sínodo Nordeste Gaúcho conta com 29 paróquias e comunidades em funções paroquiais, escolas particulares vinculadas à Rede Sinodal de Ensino, lares de idosos, diversos grupos paroquiais de ação solidária (diaconia) e quatro espaços dedicados ao trabalho junto a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Conclusão

Neste artigo, esforçamo-nos para descrever brevemente o caminho que, a partir da primeira metade do século XIX, trilharam pessoas (em sua maioria, protestantes) que majoritariamente saíram de uma parte da Renânia-Palatinado chamada Hunsrück e ajudaram a constituir a região eclesiástica da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que hoje conhecemos como Sínodo Nordeste Gaúcho.

Nessa reflexão, percebemos as dificuldades enfrentadas por um país latino-americano, recém-emancipado, dividido entre uma minoria agrária branca, de origem lusa, proprietária de grandes faixas de terra, por um lado, e uma maioria negra e escravizada, por outro. Uma nação que se ressentia de uma produção agrícola mais diversificada, de artesãos qualificados e de uma classe média que fizesse a economia girar. Além disso, via recorrentemente suas fronteiras sendo ameaçadas pela Coroa Espanhola e pelos estados do Prata. Sem falar do temor de se tornar um novo Haiti. Enquanto isso, na Europa germânica, a pobreza, as tragédias naturais, os trágicos

¹²³ DREHER, 2012, p. 31.

¹²⁴ DREHER, 2012, p. 31.

¹²⁵ DREHER, 2012, p. 31.

resquícios bélicos, a falta de perspectiva de crescimento – além do sonho de construir uma vida em outro lugar – impelia as pessoas a buscarem oportunidades no além-mar.

Se o Brasil sentia a necessidade de colonizar as suas terras devolutas com um povo branco, trabalhador e ordeiro (além do fato de Leopoldina ser prussiana) e os germânicos alimentavam o desejo de recomeçar a sua vida em outro local, porque não permitir que essa congruência de objetivos frutificasse? E foi assim que, após duas ondas migratórias distintas, ocuparam-se as regiões que hoje compõem o Sínodo Nordeste Gaúcho. Enfrentando o abandono e o descumprimento de promessas por parte dos governos imperial e provincial, a falta de comprometimento e de interesse por parte dos especuladores de terra e as restrições impostas pela legislação imperial, essas pessoas se estabeleceram e prosperaram. Quando não tinham pastores ou professores, supriam essa carência com um dos colonos. Como não podiam construir templos religiosos, edificaram escolas-capela. Diante da diversidade confessional, seguiram a vontade da maioria. E assim, entre tragédias, demandas e oportunidades, forjou-se a espiritualidade de uma região eclesiástica que hoje conhecemos como Sínodo Nordeste Gaúcho.

Referências

- ANRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. *Abolição da escravidão pela Inglaterra*. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/abolicao-da-escravidao-pela-inglesa>. Acesso em: 10. abr. 2024.
- COSTA, Daniel Ricardo da. *Influências da reforma protestante na educação do Rio Grande do Sul no período do Brasil Império (1822-1889)*. São Leopoldo, RS, 2022. 158 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2022, p. 61. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1130/1/costa_drd_tm415.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.
- DIEHL, Fernando. *Pastorear o rebanho na colônia: articulações de pastores luteranos alemães no processo de formação da etnicidade teuto-brasileira no sul do Brasil*. 2021. Tese (doutorado) – Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983, p. 150. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/pastorear-o-rebanho-na-colonia-articulacoes-de-pastores-luteranos-alemaes-no-processo->

[de-formacao-da-etnicidade-teuto-brasileira-no-sul-do-brasil](#). Acesso em: 10. abr. 2024.

DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977, p. 126.

DREHER, Martin. Protestantismo de imigração no Brasil. In: DREHER, Martin (org.). *Imigrações e história da igreja no Brasil*. Aparecida, SP: Santuário, CEHILA, p. 109-131, 1993.

DREHER, Martin. N. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 216.

DREHER, Martin N. *Histórias de vida e fé: luteranos e luteranas no nordeste do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2012. Estância Velha, RS: Sínodo Nordeste Gaúcho - IECLB, 2012, p. 21.

DREHER, Martin Norbert. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo, Oikos, 2014, p. 207.

ENGELMANN, Erni Guilherme. *A Saga dos Alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*. Igrejinha: Edição do autor, 2004. v.1, p. 325.

FLUCK, Marlon Ronald. Os primeiros imigrantes. *Jornal Evangélico Luterano*, São Leopoldo, março de 2010, p. 13. Disponível em: https://issuu.com/portaluteranos/docs/jornal_evangelico_luterano_-_ano_3_e1a33f5ac45818/12. Acesso em: 10. abr. 2024.

GENEALOGIACAPEF. Família Schäfer. Disponível em: <https://genealogiacapef.com.br/familias-fundadoras/familia-schafer>. Acesso em: 10. abr. 2024.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Porto Alegre: IECLB, 2010, n.p. 12 p.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. IECLB. Igreja de Jesus Cristo: Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo (Mateus 5. 13-14): *Cadernos de estudos*: Tema do ano 2023. Porto Alegre, RS: IECLB, 2023, p. 24.

KRUG, Lauri Valdemar. Colônia Maratá. In: *Colônias de Imigrantes – RS/SC*, 04 de setembro de 2020. Disponível em: <https://colonias.heuser.pro.br/fazenda-marata/>. Acesso em: 10. abr. 2024.

LEMOS, Juvencio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador: A primeira corrente imigratória alemã no Brasil*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993, p. 42.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. História da Educação no Brasil. Fortaleza: IFCE, 2012, p.30. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/207142/2/Historia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2024.

- MENCK, José Theodoro Mascarenhas. *D. Leopoldina, Imperatriz e Maria do Brasil: obra comemorativa dos 200 anos da vinda de D. Leopoldina para o Brasil*. Brasília: Edições Câmara, 2017, p. 36. Disponível em: https://www.ihgdf.com.br/wp-content/uploads/2017/11/leopoldina_imperatriz_menck.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.
- MÜLLER, Telmo Lauro. *A propósito dos 180 anos*, 2004, n.p. Disponível em: <https://kuffel.com.br/author/kuffel/>. Acesso em: 10. abr. 2024.
- NOGUEIRA, Octaciano. 1824, 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012, p. 75. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/137569>. Acesso em: 10. abr. 2024.
- OLIVEIRA, Ronald Lopes; TEIXEIRA, Mateus Barradas. A morte e o morrer na comunidade luterana em Nova Friburgo no século XIX: conflito e alteridade. In: *Anais do XVI Congresso Regional de História da Anpuh-Rio*, 2014. n.d. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400552412_ARQUIVO_AmorteemorrernacomunidadeLuteranaemNovaFriburgonoseculoXIX-Conflictoealteriade.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.
- OLIVEIRA, Ryan de Sousa. *Colonização alemã e poder: A cidadania brasileira em construção e discussão (Rio Grande do Sul, 1863-1889)*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, Brasília, 2008, p. 37. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5688/1/2008_RyanSousaOliveira.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.
- PESAVENTO, Sandra J. O Imigrante na Política Rio-grandense. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.). RS: *Imigração e colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 160.
- PETRONE, Maria Theresa Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade: 1824-1930*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 28.
- ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, v.01, p. 377.
- RÖLKE, Helmar R. *Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo*. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016, p. 140. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/APEES_23_Ra%C3%ADzes_da_Imigra%C3%A7%C3%A3o_Alem%C3%A3_Helmar_R%C3%B6lke.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.
- ROTERMUND, Wilhelm. *Os dois vizinhos e outros textos*. Porto Alegre, Edições EST, 1997, p. 251.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. 2010. *Dimensões*, v.25, p. 239.

SOUZA, José Edimar. Um personagem da memória campo-bonense? O emblemático Pastor Klingelhoefter, soldado farroupilha. In: *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.3, n.2, p. 31-44, ago. 2011, p. 39. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/9033/6449>. Acesso em: 10. abr. 2024.

TINÔCO, Antonio Luiz Ferreira. *Código Criminal do Império do Brasil anotado..* Facsim. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, n.p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221763>. Acesso em: 10. abr. 2024.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil: Império e República*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966, p. 111.

VIEIRA FILHO, Dalmo; WEISSHEIMER, Maria Regina. *Roteiros Nacionais de Imigração Santa Catarina: histórico, análise e mapeamento das regiões*. Florianópolis: IPHAN, 2018, p. 33. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_Roteiro_sNacionaisImigracao_SantaCatarina_v1_m.pdf. Acesso em: 10. abr. 2024.

WACHHOLZ, Wilhelm. *Identidades Forjadas na Interdependência: o caso católico e protestante no Brasil do século XIX*. *Revista Mosaico* (Goiânia), v. 2, 2009, p. 118. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4395510.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2024.

WEINGÄRTNER, Nelso. *Martin Luther e Santa Catarina*. Timbó: Tipotil, 2012, p. 42.

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 34, p. 105-125, 2008, p. 114-115. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342547.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2024.

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul - século XIX)*. 2008. 428 f. Tese (doutorado) – Programa de pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, p. 81. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2546/1/397526.pdf>.

Acesso em: 10. abr. 2024.

WOORTMANN, Ellen F. *Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico*. Horizontes Antropológico, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 205-138, nov. 2000, p. 222. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a09.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2024.

ZANON, Maria de Lurdes. *O movimento Mucker à luz do cristianismo primitivo na interpretação de Rinaldo Fabris e José Comblin*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 62. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5872/1/447943.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2024.